



**CLÁUDIO MARTINS COSTA:  
INSTANTES DE  
PERMANÊNCIA**

Organizadores:  
Clóvis Martins Costa  
Teté Barachini

# CLÁUDIO MARTINS COSTA: INSTANTES DE PERMANÊNCIA

## **ORGANIZAÇÃO**

Clóvis Martins Costa

Tetê Barachini

## **TEXTOS**

Clóvis Martins Costa

Círio Simon

Flávio Gonçalves

Tetê Barachini

## **DEPOIMENTOS**

Adolfo L. S. Bittencourt

Ana Lucia Homrich

Ana Luz Pettini

Arminda Lopes

Che Kalika Gomes

Elenora Fabre

Elida Tessler

Félix Bressan

João Alberto Rodrigues

Lucas Strey

Marilice Corona

Mario Cladera

Thiago Trindade

Tina Felice

## **UFRGS**

Porto Alegre - RS - Brasil  
2018 / 2019

# VIDA, ARTE E AFETO

MARILICE CORONA

*Agosto de 2018*

Eu tenho uma memória muito viva do Cláudio Martins Costa. Eu era pequenininha e cresci presenciando o Cláudio, sua esposa e sua “escadinha” de filhos (a família era grande) irem visitar meu avô, Fernando Corona, aos domingos. Até o fim da vida de meu avô, que já havia perdido a mulher e o filho (meu pai), ele foi o amigo presente e fiel. Ele era quem o levava, vez ou outra, a ver uma exposição. Meus pais tinham muito carinho por toda a família Martins Costa. Eu, pequena, já sabia e conhecia suas esculturas porque as via sobre os balcões da casa de meu avô. Sabia que ele adorava São Francisco e que dele fazia esculturas também. Eu ficava encantada com isso, por que sabia que esse era o santo dos bichos. E pensava, o Cláudio é um homem bom. Depois de um tempo que meu pai faleceu, minha mãe foi fazer umas oficinas no Atelier Livre e foi aluna do Cláudio durante muitos anos. Ela conta até hoje como as aulas eram vivas, alegres, regadas com narrativas incríveis de vida e afeto. O Cláudio era daqueles professores que tinham tesão de ensinar e estava sempre maravilhado, mesmo com as pequenas coisas do mundo. Mais tarde, também entrei no Atelier. Fazia cerâmica, mas sempre ia mostrar minhas coisas para ele. Mais adiante, entrei no IA e minha expectativa de ser sua aluna era grande, também. Desde criança ele era um personagem importante para mim. Não fui sua aluna em escultura, mas sim em Desenho de Paisagem. E foi sensacional. Minhas lembranças são as melhores. Era um cara de uma generosidade ímpar e tinha um

prazer imenso de estar ali com a gurizada. Sempre tinha uma palavra bacana de incentivo. Uma tarde nos levou para pintar a beira do Guaíba, na avenida onde morava, em frente a sua casa. Foi uma tarde inesquecível, fazendo aquarelas, desenhos, etc.. Depois do trabalho, levou a todos para sua casa, para tomar cafezinho. Uma casa antiga, linda, com um arvoredo incrível. Outra ocasião nos levou num sítio da família, aqui no bairro Glória. Gente! Que coisa linda, parecia que estávamos muito, muito distante da cidade. Um sítio incrível, com uma vegetação exuberante, fechada. Era primavera e tinha muita luz. Havia uma piscina, muito, muito antiga, tomada de vegetação. Uma imagem surreal. Aquele lugar era um mundo à parte. E a gente percebia que ele se sentia muito energizado ali. Tenho a memória viva disso. Passamos o dia desenhando, fotografando e fazendo piquenique, também. Ele foi um dos professores que provocou em mim o gosto pelo desenho e por desenhar na rua. Encontrei umas fotos PB de contato, hoje, desse sítio. Pena que ele não aparece. Mas bem, ele está colorido e vivo na minha memória. E, sim, ele era um homem bom.

## **Marilice Villeroy Corona**

Artista. Doutora e Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV-UFRGS. Graduação em Artes Plásticas Bacharelado Pintura e Desenho IA-UFRGS. Professora do PPGAV e do DAV no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.